

UNAMUNO E A BÍBLIA: UMA INTERPRETAÇÃO¹

Marcel Mendes²

INTRODUÇÃO

Faz trinta anos que encontrei uma preciosidade literária encravada no último compartimento do pavimento mais elevado da *Biblioteca George Alexander*, no Instituto Presbiteriano Mackenzie, em São Paulo, e que me chamou à atenção pelo seu título, conteúdo e autoria, mas também por suas características físicas. Tratava-se da tese doutoral do Rev. Jorge César Mota (1912-2001), inteiramente datilografada, constituída de dois volumes somando mais de 500 páginas. Essa tese, que tinha por título *O Influxo da Bíblia na Vida e no Pensamento de D. Miguel de Unamuno* havia sido orientada pelo Professor Eurípedes Simões de Paula (1910-1977), então Diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, também Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Toulouse.

Desde então, tive a firme intenção de retomar em minhas mãos aquela rara joia para poder contemplar melhor suas múltiplas facetas e captar com mais acuidade a luminescência que irradiava do seu interior. Interessavam-me não somente os notáveis atributos de mérito e relevância dessa preciosa produção acadêmica, mas também os próprios personagens exerciam fascínio sobre mim, tanto a vida e a obra do principal representante do existencialismo filosófico e literário espanhol – Miguel de Unamuno – como, de sua parte, a trajetória e as contribuições do autor da obra – Jorge César Mota – com quem eu tivera aproximações indiretas em razão das suas interações com o Mackenzie, com a Igreja Presbiteriana do Brasil e com a intelectualidade protestante brasileira.

¹ Texto publicado originalmente no livro “Unamuno e o Existencialismo” (Editora Giostri, 2014).

² Engenheiro Civil; Mestre em Educação, Arte e História da Cultura; Doutor em Ciências (História Social); Professor Titular e Vice-Reitor da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Aqueles volumes pertencentes ao acervo da *Biblioteca George Alexander* logo foram retirados de circulação, passando a integrar o conjunto de obras raras incorporadas ao patrimônio do *Centro Histórico Mackenzie*. Afortunadamente, essa mesma tese de doutoramento, defendida em 1973 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo deu origem, cinco anos mais tarde, à publicação do Boletim nº. 14 (Nova Série) do “Departamento de História nº. 9”, com mais de 640 páginas, na versão de um *fac simile* de composição datilografada pelo autor, ostentando, desta feita, o título simplificado *D. Miguel de Unamuno e a Bíblia*, e prefaciado pelo eminente Professor Julio G. García Morejón, então Catedrático da Universidade de Salamanca e membro externo da banca de doutorado de Jorge César Mota.

Exposto o cenário inicial acima, declaro que estas considerações derivam, em primeiro lugar, da circunstancial intersecção de trajetórias e contribuições em que protagonizam, de um lado, a figura exponencial do poeta, romancista, autor teatral, ensaísta, crítico literário e filosófico Miguel de Unamuno (1864-1936) e, de outro lado, a personalidade erudita do Professor da Universidade de São Paulo, antigo Capelão e Diretor Cultural do Instituto Presbiteriano Mackenzie Rev. Jorge César Mota. Minha condição eventual de pesquisador da história desta centenária instituição educacional presbiteriana – o Mackenzie – sugere-me, a propósito, o resgate de um importante legado acadêmico e editorial que já corre o risco de se perder nas remotas estantes das bibliotecas ou nos empoeirados escaninhos dos sebos.

Em segundo lugar, devo consignar que mesmo não tendo formação *stricto sensu* em Filosofia, senti-me provocado pela oportuna realização da **XIV Semana de Filosofia – Mackenzie – 2013**, de iniciativa e responsabilidade do Centro de Educação, Filosofia e Teologia – CEFT, da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu tema geral “**Unamuno e o Existencialismo**” remeteu-me, de pronto, ao empreendimento intelectual e literário produzido por Jorge César Mota na década de 1970, cujo título *D. Miguel de Unamuno e a Bíblia* parece, à primeira vista, ter apenas em comum com o eixo temático proposto o nome do insigne Reitor Emérito de Salamanca. Contudo, essa não

é a única convergência, como veremos mais à frente. Ainda que fosse, poderíamos buscar abrigo no luminoso pensamento do próprio Unamuno: “*No es posible deshacer la eterna y trágica contradicción, base de nuestra existencia.*” (UNAMUNO, 1983, p.29).

Assentadas essas preliminares, convém conhecer um pouco mais a figura do autor da obra em pauta, bem como suas produções, sem perder de vista as saliências do pensamento filosófico-religioso de D. Miguel de Unamuno, suas expressões de fé e dúvida, seus dilemas existenciais, mas, sobretudo, sem perder de vista a possibilidade de captar fragmentos das insondáveis e autênticas influências bíblicas na vida e no legado literário do grande pensador espanhol, cuja trajetória, simetricamente dividida entre os séculos XIX e XX, projeta para a contemporaneidade a densidade do seu pensamento e o brilho da sua personalidade. Esse foi, sem dúvida, o desafio intelectual abraçado pelo Rev. Jorge César Mota quando, próximo dos 60 anos de idade, decidiu mergulhar nas profundas águas desse universo.

JORGE CÉSAR MOTA

Consideremos, portanto, de início, as credenciais de quem reconstituiu em Bilbao, em Madrid e em Salamanca, por meio de acurada pesquisa documental, os passos percorridos e os ambientes vividos por D. Miguel de Unamuno e que, cercado-se de cruzamentos *biobibliográficos* respeitáveis, pôde produzir a obra a que estou me referindo. Suas fontes são excelentes; suas análises são percucientes; suas conclusões avançam no terreno da subjetividade, mas estabelecem hipóteses instigantes. Afinal, quem foi esse erudito pesquisador luso-brasileiro e quais foram seus vínculos com o Mackenzie, com a Igreja Presbiteriana do Brasil e com a intelectualidade protestante brasileira?

De acordo com o historiador Alderi S. Matos³, Jorge César Mota fez parte de uma das mais antigas famílias presbiterianas do Brasil, tendo sido neto e filho de pastores. Seu avô, o pernambucano Belmiro Araújo César

³ Historiador oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil. Os apontamentos biográficos alusivos ao Rev. Jorge César Mota foram gentilmente cedidos ao Autor, em 18/09/2013.

(1860-1930), esteve entre os primeiros ministros presbiterianos ordenados no Nordeste, em 1887. Seu pai, o português João Marques da Mota Sobrinho (1883-1964), casado com Wilhelmine Lenz César, filha de Belmiro Araújo César, e ordenado em 1905, foi o primeiro missionário da Igreja Presbiteriana do Brasil em Portugal (1911-1922).

Jorge César Mota nasceu em Lisboa em 5 de abril de 1912 e veio para o Brasil com dez anos de idade. Fez os estudos primários no Ginásio de Alto Jequitibá e no Ginásio de Caratinga (MG). Coursou o Instituto José Manoel da Conceição (1931-1934) e o Seminário Presbiteriano do Sul (1935-1937). Foi, sucessivamente, pastor de igrejas presbiterianas sediadas em Aracaju (1937-1938), São Paulo (1939-1942), Santos (1943 e 1945) e Vila Mariana (1943-1944). Serviu como secretário permanente do Sínodo Meridional (1943-45) da Igreja Presbiteriana do Brasil. Lecionou no Instituto José Manoel da Conceição em 1943. Foi secretário geral da União Cristã de Estudantes do Brasil (1944-1955).

No Instituto Presbiteriano Mackenzie, em São Paulo, o *Reverendo Mota* (era conhecido por esse título) foi Professor de Sociologia e de Filosofia no Ensino Médio, Capelão e Diretor Cultural (1955-1962), época em que também atuou como editor responsável do periódico *O Mackenzie*. Nas questões relacionadas com o destino da instituição quando da sua nacionalização (1957-1961), teve papel relevante na defesa dos interesses do protestantismo em geral e do presbiterianismo brasileiro em particular, a ponto de ter sido a única pessoa na história da “Associação dos Antigos Alunos do Mackenzie” formalmente excluída dessa entidade associativa (atualmente extinta), em razão das virtudes de lealdade e coerência para com os princípios formativos do seu caráter e convicção.

No campo das letras cristãs, Jorge César Mota foi colaborador dos periódicos: *Fé e Vida*, *Unitas*, *Simpósio*, *Testimonium*, *O Estado de S. Paulo* e *Folha da Manhã*. Foi também um dos fundadores da revista *Biblos* (já desaparecida). Entre seus livros, opúsculos e artigos estão *Martinho Lutero e o protestantismo* (1942), *O outro Cristo* (1944), *Corpo e espírito* (1944), *Histórico da União Cristã de Estudantes do Brasil* (1945), *Inteligência e moral* (1945), *E*

Jesus ensinou... (1946), *Minha hora de silêncio* (1947), *A pérola das orações* (1947), *Estudante cristão* (1948) e *Tito, meu filho* (1959). Era poeta, e publicou a coletânea *Orvalho de Hermon*. Como compositor e músico, publicou o hinário *Laudate Deum*, no qual consta seu hino mais conhecido, “Vós criaturas de Deus Pai”. O *Hinário Evangélico* conta com outros dois hinos de sua lavra: “Prece pela unidade” e “O estudante cristão”.

Na esfera acadêmica, o Prof. Jorge César Mota exerceu a docência na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, ministrando a disciplina “História das Religiões”, no então Departamento de História nº. 9. No início da década de 1970, Jorge César Mota fixou residência temporária em Portugal, onde atuou como professor no Seminário Presbiteriano de Carcavelos, deslocando-se, com frequência para a Espanha em busca de subsídios documentais e informativos para o seu maior empreendimento acadêmico-literário, com o qual conquistaria o título de Doutor em Ciências (História), pela Universidade de São Paulo. Para a consumação desse objetivo, contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

Integrado ao seleto grupo de eruditos protestantes brasileiros entusiastas das teses ecumênicas, Jorge César Mota foi um dos tradutores para o vernáculo de partes de *A Bíblia de Jerusalém* (Juízes, 1º e 2º Samuel, Evangelho de Marcos e Epístola a Tito) e de dois livros do missiólogo escocês John A. Mackay (*Eu, porém, vos digo* e *A ordem de Deus e a desordem do homem*). Autodidata e erudito, Jorge César Mota era fluente em inglês, francês e espanhol, além de conhecer em profundidade o latim, o grego e o hebraico bíblico. Vítima de erro médico, Jorge César Mota viu-se privado da atividade intelectual ao longo dos últimos três lustros da sua existência, vindo a falecer em São Paulo, no Natal de 2001, aos 89 anos de idade.

PROPÓSITO DA OBRA E SUA DESCRIÇÃO TÓPICA

Segundo afirma o Professor Julio G. García Morejón em seu prefácio à obra *D. Miguel de Unamuno e a Bíblia*, a maioria dos biógrafos e críticos não consegue escapar de fazer alusão ao influxo da Bíblia sobre o pensamento e a

obra do Reitor Emérito de Salamanca, mas o faz de forma um tanto genérica e superficial, deixando uma clara lacuna na identificação e análise dessa nítida influência. O Rev. Jorge César Mota quebrou esse paradigma, ao se deslocar do Brasil para a Espanha em busca das “Bíblias de Unamuno”, não para apreendê-las, como faziam no passado os inquisidores ibéricos, mas, ao contrário, para reproduzir o exemplo dos monges medievais que meticulosamente compulsavam as relíquias documentais custodiadas nas bibliotecas, reproduziam seus mais preciosos textos, recompunham fragmentos e transcreviam notas laterais e de rodapé.

Nosso apreciado pesquisador foi muito além, ao percorrer caminhos que o levariam às ruas de Bilbao, berço de Miguel de Unamuno y Jugo, e que o conduziram até a casa paterna, onde procura vestígios para a interpretação que tenta construir sobre o fundamento documental que tanto o encanta. Seguindo percurso que vai do País Basco até Salamanca, passando intencionalmente por Madrid, Jorge César Mota instala-se temporariamente na *Casa Rectoral* da Universidade de Salamanca, hoje convertida em Museu de Unamuno, onde entrevista Felisa de Unamuno, filha dileta de Dom Miguel, folheia seus manuscritos, revira página por página cada um dos 8.000 volumes da biblioteca e compulsava as mesmas obras que Unamuno costumava ler (e nelas fazer anotações). Depara-se ainda com um acervo de cerca de 40.000 cartas e mais de 800 artigos que a censura não consentiu que fossem além das provas (MOTA, 1976, p.26).

O Reverendo anota tudo. Utiliza-se de lupa. Fotografa o que pode. Retorna mais tarde para esclarecer dúvidas e entender discrepâncias. Vai compondo seus manuscritos; procura obras biográficas paralelas, consulta textos de teses e dissertações. Enfim, cerca-se de um *corpus* documental incomparável. Está pronto para escrever, e passa a fazê-lo em tom elogioso, impregnado de autêntico amor e humanidade, sem abrir mão da verdade crítica e histórica que o pesquisador tem sempre em vista. Na perspectiva do já citado Professor Morejón, prefaciador da obra em tela, essa postura do Rev. Mota explica-se tanto pela índole piedosa do erudito pastor presbiteriano, como pela sua crescente adesão às ideias de Unamuno. Essa progressiva afinidade

ideológica de Jorge César Mota com o pensamento de D. Miguel de Unamuno foi mediada pelo renomado missiólogo, teólogo e educador John A. Mackay (1889-1983), que se tornou um dos primeiros *unamunistas* de toda a América.⁴

Retornemos ao nosso roteiro para tratar brevemente de uma preciosa e inconfundível coleção que ocupava lugar central na biblioteca do Reitor Emérito de Salamanca e que na obra de Jorge César Mota constitui-se no primeiro dos 14 capítulos que compõem sua estrutura.

AS BÍBLIAS DE UNAMUNO

Tanto os biógrafos como os críticos de D. Miguel de Unamuno são absolutamente concordes entre si quanto à constatação de que as Escrituras Sagradas exerceram profunda e indelével influência na sua vida, no seu pensamento e no seu legado literário, razão por que, ocupavam lugar central na biblioteca da *Casa Rectoral*, em Salamanca. Em sua meticulosa pesquisa, Jorge César Mota examinou toda a coleção de Bíblias e porções bíblicas, passando a catalogar sistematicamente cada volume, a copiar ou transcrever todas as anotações feitas pelo próprio Dom Miguel nas entrelinhas, nas margens laterais e nos rodapés, registrando, também, a presença de marcadores, orelhas viradas e outros sinais de manuseio.

Nessa empreitada duplamente “bibliográfica” Jorge César Mota localizou 15 exemplares da Bíblia, que classificou da seguinte maneira: três em edições católicas, 12 em edições protestantes; três delas eram Bíblias completas, três Velhos Testamentos completos, três volumes contendo parte do Velho Testamento, cinco Novos Testamentos completos. Quanto às línguas, seis em espanhol, duas em hebraico, duas em grego, uma em latim (Vulgata), uma em alemão (a tradução de Lutero), uma em catalão, uma em vasconço (idioma do País Basco) e uma bilíngue (latim e grego). Segundo registra o próprio

⁴ John A. Mackay esteve presente no Mackenzie, quando das comemorações do centenário da Igreja Presbiteriana do Brasil e da realização da Assembleia da Aliança Mundial de Igrejas Reformadas, em 1959. No *Campus* de Higienópolis, em São Paulo, John A. Mackay entrevistou-se com representantes da “Associação dos Antigos Alunos do Mackenzie”, do Instituto [Presbiteriano] Mackenzie e da Universidade [Presbiteriana] Mackenzie, tendo como item central de agenda a questão da “nacionalização do Mackenzie”, pela qual o patrimônio e o comando desta instituição educacional seriam transferidos da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos para a Igreja Presbiteriana do Brasil (MENDES, 2007, p.170).

pesquisador, nem todos os exemplares encontravam-se nas estantes centrais da Biblioteca:

Dois desses exemplares das Escrituras, como no tempo de Unamuno, não estavam nas estantes. Dom Miguel os tinha sempre à mão para a leitura diária e para as consultas e citações enquanto escrevia. Estavam à cabeceira ou na mesa de trabalho, ou levados por ele, em particular o Novo Testamento em grego. Esses dois exemplares são: *La Santa Bíblia*, publicada em Oxford, em 1863, na famosa tradução de Casiodoro de Reina, revista por Cipriano de Valera e publicada pela primeira vez em Amsterdã, em 1602. O outro é o Novo Testamento em grego, editado por Eberhard Nestle, em Stuttgart, 1908 (7^a. ed.). O texto grego que Unamuno usou antes de 1908 foi o de Tischendorf, que está repleto de marcas do punho de Dom Miguel, dando a impressão de que foi nesse volume que o escritor estudou o *koiné*. (MOTA, 1976, p.26).

Em face dessa ampla diversidade e dessa precisa especificidade de exemplares, versões, edições, procedências e idiomas, e considerando as evidências do profundo interesse que o estudo da Bíblia despertava em D. Miguel de Unamuno, Jorge César Mota passou a reconstruir toda a trajetória do insigne Reitor de Salamanca, buscando na geografia desses lugares e nos períodos históricos mais significativos da existência os elementos que teriam incidido sobre a relação de Unamuno com a Bíblia. Mais, do que isso: o pesquisador luso-brasileiro procura pistas que o levem a identificar o momento inicial de contato do grande pensador espanhol com as Escrituras Sagradas. Teria sido na infância, em meio ao instigante ambiente cultural do seu próprio lar? Teria sido na adolescência, entre os seus primeiros mentores espirituais? Teria sido em Bilbao, quando fazia seus estudos secundários preparatórios, ou em Madrid, quando cursava a Universidade na sede da Corte?

Passemos, portanto, a esta segunda parte da obra acadêmico-literária do Rev. Mota, que compreende os capítulos II, III, IV e V.

OS PRIMEIROS VINTE ANOS (1864-1884)

O roteiro percorrido pelo pastor presbiteriano em busca do primeiro contato de Miguel de Unamuno y Jugo com a Bíblia inicia-se no recinto da

pequena biblioteca de seu pai, D. Felix de Unamuno, cujos livros teriam exercido influência na formação da sua personalidade, conforme ele mesmo afirmou. Jorge César Mota tenta reconstituir o conteúdo das estantes dessa biblioteca domiciliar, mas não encontra a menção explícita de uma Bíblia. Até hipotetiza a presença de um exemplar, arriscando-se a dizer que poderia ter sido adquirido no México, quando Dom Felix ali residiu. Nesse caso, seria, com certeza, uma Bíblia de edição “protestante”. Existem indicações plausíveis para a sustentação dessa hipótese. Ou teria essa suposta Bíblia “protestante” sido comprada, mais tarde, em Bilbao, por onde costumavam circular colportores huguenotes, oriundos do outro lado dos Pirineus? Sabe-se que caso o lar da família Unamuno contasse com a presença de uma Bíblia “protestante”, especiais atenções deveriam ser dedicadas ao seu manuseio e leitura, considerando-se os riscos de um ato de desobediência caracterizado no Direito Canônico. A piedosa genitora de Dom Miguel, Dona Salomé de Jugo seria a primeira pessoa dessa tradicional família a viver esse dilema, quase um drama.

Católica ou “protestante”, presente fisicamente ou ausente, a Palavra de Deus – talvez apenas o Novo Testamento e não a Bíblia inteira – marcou indelevelmente a vida do pequeno Miguel que, anos mais tarde, evoca recordações da sua adolescência e de como teria se sentido desafiado por uma precoce vocação de pregador do Evangelho. Isso teria sido ainda em Bilbao, antes de se deslocar para Madrid, onde cursaria a Universidade a partir de 1880.

Tal como aconteceu com Santo Agostinho em Roma, ou com Martinho Lutero quando visitou o Vaticano, a presença do jovem Miguel de Unamuno na *Corte Madrileña* provocou-lhe profundos impactos. Deixou de ir à missa, mas ao contrário do que afirmam alguns de seus biógrafos, não perdeu a fé, antes empreendeu o desafio de tentar racionalizá-la. Começava, então, a elaborar os conflitos entre o “coração e a cabeça”, entre “o sim e o não” como tantas vezes chegou a externar. Esses passos foram reconstituídos pelo pesquisador presbiteriano, que acabou encontrando no meio do caminho a figura de um pastor protestante em Madrid... Quem sabe, tenha sido por suas mãos que

Miguel de Unamuno teve acesso ao primeiro, ou ao segundo, ou ao terceiro exemplar de uma Bíblia, ou apenas de um Novo Testamento.

Concluídos os estudos superiores em Madrid, Unamuno retorna ao País Basco, onde se prepara para novos desafios acadêmicos. Nesse interregno, ensina castelhano para imigrantes ingleses, de formação anglicana, donde parece captar algumas ideias liberais que incidem sobre sua formação jesuítica. Parece claramente a Jorge Cesar Mota que foi nesse contexto que Dom Miguel teve contato com o Novo Testamento vasconço, a que tantas vezes se referiu em seus escritos, adquirindo, também, nesses anos, obras literárias, gramáticas, livros de cunho filosófico e religioso, inclusive catecismos, alguns de procedência católico-romana, outros de origem reformada. Tudo foi rigorosamente catalogado e analisado pelo douto reverendo luso-brasileiro, Pastor Jorge César Mota.

Esse roteiro geográfico e cronológico fixa-se a partir de 1891 em Salamanca, onde Unamuno assumiria a Cátedra de Língua e Literatura Gregas, e, sucessivamente, iria alcançar seu primeiro mandato como Reitor. Em paralelo, enquanto Dom Miguel começa a publicar seus primeiros textos, ingressa também (em 1897) numa complexa crise existencial, para não dizer que se tratava de uma profunda experiência religiosa.

É nessa conjuntura que Unamuno aprofunda suas leituras dos chamados “protestantes liberais”, ou “de esquerda”, também conhecidos pela *heterodoxia* que aplicam à interpretação bíblica, com sérios reflexos sobre o arcabouço teológico ortodoxo do cristianismo. São eles, os alemães Friedrich Schleiermacher, Albrecht Ritschl, Adolf von Harnack, Ernst Troeltsch e Julius Kaftan; os franceses Albert Réville, Auguste Sabatier, Eugène Ménégoz e Alexandre-Rodolphe Vinet, com expansões que tangenciam o espaço filosófico de René Descartes, Blaise Pascal, Baruch Spinoza, Immanuel Kant e Georg W. F. Hegel, e não deixam de lembrar, também, a “marca d’água” dos místicos Santa Tereza de Jesus, São João da Cruz e mais alguns. Em contexto apropriado, debruçou-se também sobre as obras de Arthur Schopenhauer e Søren Kierkegaard, das quais assimilou boa parte da sua perspectiva dramática e existencialista de vida.

Esse quadro, crescentemente mais complexo e facetado, de múltiplas influências permitiu que se identificasse em D. Miguel de Unamuno a figura de um *“ritschliano católico”*, mas isso também variou ao longo do tempo, caminhando de certo misticismo para determinado ceticismo, ou, em sentido contrário, de um racionalismo para um misticismo, de tonalidade eventualmente panteísta. Ele mesmo protesta veementemente contra os que diziam dele: *“Es luterano, es calvinista, es católico, es ateo, es racionalista, es místico, o cualquier otro de estos motes, cuyo sentido desconocen, pero que les dispensa de pensar más.”* (Apud ORRINGER, 1985, última capa).

Se a incansável busca empreendida por Jorge César Mota não chegou ao esperado desfecho esclarecedor do momento e das circunstâncias em que se deu o encontro inaugural de Unamuno com a Bíblia, reforçou, por outro lado, a percepção da duradoura e cotidiana influência das Escrituras Sagradas no âmago da sua vida e nas raízes do seu pensamento, especialmente nos contextos mais difíceis da sua biografia. A “Parte III” da obra de Jorge César Mota, constituída de nove capítulos (de VI a XIV), revela com minúcias esse fascinante cenário, como veremos.

“PADRE NUESTRO DE CADA DIA”

No prólogo da sua maior coletânea de poemas e versos *Cancioneiro*, que o poeta escreveu dia a dia ao longo dos anos de exílio na ilha de Fuenteventura, em Paris e em Hendaya, D. Miguel de Unamuno confessa, em tom piedoso: *“La lectura y lección del Nuevo Testamento me era padre nuestro de cada día.”* Em outra passagem do mesmo diário poético revela: *“Las Buenas Nuevas, las Cartas y el Libro de la Revelación me enseñaban a soñar la vida.”* (MOTA, 1978, p.301).

Tais afirmações corroboram a forte impregnação existencial e intelectual que a Bíblia, especialmente o Novo Testamento, exerceu sobre o coração e a mente de Unamuno e que foi amplamente exteriorizada nas citações e analogias contidas nas suas obras literárias, especialmente nos clássicos *Del sentimiento trágico de la vida* e *La agonía del cristianismo*, ou no singular *El Cristo de Velazquez*, mas também no seu inspirado *Cancioneiro*, cujo prólogo

de 29 páginas conta com mais de 120 referências bíblicas, para não citar outras preciosas produções em prosa, poesia e peças teatrais.

Como já afirmado, Jorge César Mota mergulhou na Biblioteca do Reitor de Salamanca, mas mergulhou semelhantemente nos escritos produzidos pela hábil pena do Reitor Emérito de Salamanca, além de ter registrado tudo aquilo que as cuidadosas retinas do pastor presbiteriano puderam captar, lançando mão, inclusive, da instrumentalidade de uma providencial lupa.

Dos textos lidos (todas as obras publicadas, além de cartas e documentos de arquivo), Jorge César Mota levantou as centenas de referências que Dom Miguel buscou no livro bíblico de Jó – profundamente existencial –, no livro do profeta Jeremias (30 referências em pelo menos 15 obras), no Saltério de Israel (Salmos) e de modo muito especial nos escritos paulinos, onde se deslumbrava com a dialética exibida nos paradoxos e contradições do estilo do Apóstolo dos Gentios, e que, de alguma forma, se refletiram na famosa obra de Unamuno, *Vida de D. Quijote y Sancho*. Capítulos inteiros dessa preciosa Tese Doutoral oferecem ao leitor a densidade e a variedade das citações bíblicas, em seus diversos contextos de inserção no conjunto das obras de D. Miguel de Unamuno. Nesse esforço exaustivo, o erudito pesquisador presbiteriano conseguiu registrar e catalogar a elevada cifra de 4.500 citações bíblicas!

O leitor atento não deixará de observar e concluir que a culminância dessa inédita pesquisa encontra-se materializada nos gráficos apresentados como “Anexo” da obra, em que Jorge César Mota quantificou e parametrizou a incidência e a distribuição das citações bíblicas: a) de acordo com as diferentes épocas e fases da vida pessoal de Miguel de Unamuno; b) segundo os diversos gêneros literários, procurando nas múltiplas categorias (narrativa, crítica, contos, ensaios, meditações, novelas, teatro, comentários, discursos, autobiografia e poesia) a correlação porcentual entre o número de referências bíblicas e o respectivo número de páginas; c) na escala do tempo, conforme a sequência das décadas que se sucederam ao longo da vida do escritor, entre 1884 e 1936; d) comparando a relação de porcentagem entre o número de citações bíblicas e o número de páginas das mais notáveis obras de Unamuno.

Na primeira das representações gráficas, encontram-se correlacionadas as principais ocorrências na “linha do tempo” da biografia de Unamuno e a frequência das referências bíblicas, observando-se claramente os “picos” coincidentes com as situações vivenciadas por Dom Miguel, aquelas que lhe causaram maior impacto na esfera existencial. Nesse cenário pessoal, destaca-se a conjuntura decisiva em que Unamuno, acusado de injúria, foi destituído do cargo de Reitor da Universidade de Salamanca por ordem do Rei Afonso XIII (1914). Outros períodos dramáticos marcam a vida de Miguel de Unamuno, como, por exemplo, na ocasião em que é deportado pelo General Primo de Rivera (1924) e depois passa a viver no exílio (1925-1929). Numa clara relação contextual, as referências bíblicas atingem as maiores incidências nesses períodos, na obra literária de Unamuno. Mas existem outros destaques: no exato ano de 1897, quando o então catedrático de Salamanca vive profunda crise religiosa, as citações da Bíblia aumentam de número, atingindo a marca de 240 ocorrências. Situação similar verifica-se por volta de 1911-1912, quando crescem o interesse e a preocupação de Unamuno sobre temas religiosos, época em que é produzida a clássica obra *Del sentimiento trágico de la vida*. Conquanto em nenhum período ou contexto da trajetória pessoal de Miguel de Unamuno as Escrituras Sagradas deixaram de ser objeto de referência na sua vasta e diversificada obra literária, percebe-se nitidamente que os dramas pessoais e existenciais contribuíram no sentido de aproximar Dom Miguel das fontes que lhe proporcionavam inspiração e alento, ou melhor, aguçavam sua renovadora inquietude religiosa.

No tocante aos diversos gêneros literários produzidos por D. Miguel de Unamuno e as respectivas menções bíblicas, o autor luso-brasileiro de *D. Miguel de Unamuno e a Bíblia* encontrou variadas porcentagens entre o número de referências e o número de páginas das distintas obras, agrupadas por categoria de gênero literário. As maiores ocorrências, como se poderia esperar, deram-se na literatura de natureza mais pessoal e autêntica, em que o autor recorre ao espelho, à memória e ao imaginário, tais como os gêneros de *autobiografia* (35,29%) e de *poesia* (56,84%). No extremo oposto encontram-se as categorias de *narrativa* (7,88%) e *crítica* (11,26%), seguida dos *contos*

(11,52%) e dos *ensaios* (13,11%). Também aqui se pode observar a nítida transversalidade da influência da Bíblia na vida e na obra de D. Miguel de Unamuno, influxo esse que tanto impressionou o Rev. Jorge César Mota e o levou a quantificar rigorosamente as marcas deixadas pelas Escrituras Sagradas no legado literário de Unamuno e, mais do que isso, levou nosso pesquisador a captar evidências de uma opção fortemente evangélica por parte de quem fez, em certo momento, a seguinte profissão-de-fé: “*Cada día me siento más Cristiano, mas creyente en la otra vida.*” (UNAMUNO, 1983, p.17)

A terceira das elaborações gráficas de Jorge César Mota, apresentada na forma de histograma, revela a intensidade das referências bíblicas nas diversas décadas ou períodos de produção literária de D. Miguel de Unamuno. Em número absoluto de referências, a fase de maior presença bíblica nas obras do grande pensador espanhol dá-se entre 1920 e 1929, época em que Unamuno encontra-se privado do seu expediente de Reitor da Universidade de Salamanca e vive longo período de exílio. Escreve muito, lê muito, cita muito. Emblematicamente, é nos últimos anos de vida de D. Miguel que o número de citações bíblicas tem a sua menor expressão, apontando, eventualmente, para uma fase de certa desilusão vivida pelo Reitor de Salamanca, em seu terceiro mandato, em meio às hesitações próprias de uma reflexão mais madura e crítica, com tendências mais sofisticadas de assumir uma postura cética na sua perspectiva existencial, especialmente no tocante ao significado da “vida eterna” contida na esperança cristã:

Es impensable una vida eterna, ‘y más impensable aún una vida eterna de absoluta felicidad, de visión beatífica’ [...]. El ‘supremo placer’ para el hombre es ‘acrecentar consciencia’. No la contemplación de la Verdad, pues, sino ‘un continuo descubrimiento de ella’ [...]. Y es que ‘lo que en rigor anhelamos para después de la muerte es seguir viviendo esta vida, esta misma vida mortal [...]’. Pues, ‘en resolución, si allí no queda algo de la tragedia íntima del alma, que vida es ésa?’ (UNAMUNO, 1983, p.42).

Por último, nessa sequência de representações visuais cuidadosamente elaboradas pelo pesquisador em tela, percebe-se que a incidência de citações

bíblicas é bastante numerosa em quatro das obras de Unamuno, mas a produção dessas obras não se concentra em determinada época ou fase específica da vida de Dom Miguel, como poderia se esperar em face das observações já registradas nos outros gráficos. Com efeito, as produções que mais concentram referências das Escrituras são: *Nicodemo el fariseu* (de 1899), com cerca de 240 citações bíblicas; *El Cristo de Velazquez* (produzida entre 1913 e 1916), com aproximadamente 230 referências; *Diário íntimo* (de 1897), com não menos que 220 citações bíblicas, e *La agonía del cristianismo* (de 1924), com quase 160 menções de textos da Bíblia. Na sequência numérica de citações, a próxima obra é *Inquietudes y meditaciones* (escrita entre 1898 e 1936, mas com sua primeira edição, ainda incompleta, publicada em 1917), com “apenas” uma centena de referências das Escrituras. As demais obras têm menor número de indicações que remetem ao Antigo e ao Novo Testamento. Em síntese e no limite: nenhuma elaboração editorial de Unamuno, na forma de livro, deixa de fazer, em alguma de suas páginas, menção a tema, personagem ou situação contida nas Escrituras.

A TÍTULO DE CONCLUSÃO

O encerramento dessa longa caminhada do pesquisador luso-brasileiro ao lado do notável pensador espanhol culmina com uma série de considerações inteligentes e piedosas do pastor presbiteriano, eventualmente indicativas de uma adesão ideológica e de certa penetração na subjetividade, das quais cabe destacar aquela que melhor parece sintetizar a profunda convicção de Jorge César Mota:

Estou convencido de que sua [de Miguel de Unamuno] vida, seu pensamento, sua obra, dedicados como foram aos ideais éticos do Evangelho, à meditação profunda das Escrituras Sagradas e ao sentido da vida e da mensagem de Jesus, foram uma viva expressão de íntima comunhão com Cristo, infinitamente mais do que muitos dos melhores exemplos de ortodoxia cega e apática dos cristãos indiferentes às contradições, aos problemas e aos ‘paradoxos’ da teologia ao aproximar a doutrina da existência e da vida. (MOTA, 1978, p.546)

Depois de haver afirmado que muitos poderiam até sorrir das hipóteses por ele aventadas sobre a opção religiosa do insigne Reitor de Salamanca, e mais do que isso, sobre a experiência espiritual de um “novo nascimento”, o Rev. Jorge César Mota declara-se convencido de que *“Dom Miguel foi profeta no seu tempo”* (MOTA, 1978, p.566). E, em estilo poético, proclama:

Tudo o que, em Unamuno, desperta as consciências, faz estremecer os corações, sacode o pensamento, tudo quanto nele não nos deixa em paz procede das Sagradas Escrituras. Semeador do Evangelho que foi, certamente, a seu modo, Dom Miguel lançou generosamente, por toda a parte, a semente preciosa que ainda continua produzindo seus frutos. (MOTA, 1976, p.30).

Eis, portanto, o legado de duas personalidades luminosas – Miguel de Unamuno y Jugo e Jorge César Mota – para os quais parece não ser possível desfazer a eterna e trágica contradição, base de nossa existência. Mas não se trata de resolver nada, senão de simplesmente estabelecer um problema de ordem ontológica. Afortunadamente, pode-se dizer, de ambos e de cada um, aquilo que o Prof. Julio G. García Morejón afirmou no Prefácio de *D. Miguel de Unamuno e a Bíblia*: ***“[...] Jamás se apartó del signo que redime a los mortales: la palabra de Cristo. Esta es su mayor grandeza.”*** (MOTA, 1978, p.XI).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MENDES, Marcel. *Tempos de Transição*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2007.
- MOTA, Jorge César. *D. Miguel de Unamuno e a Bíblia*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1978.
- MOTA, Jorge César. O influxo da Bíblia na vida e no pensamento de Dom Miguel de Unamuno. Artigo. *In: Simpósio*, ano IX, outubro de 1976, pp. 25-30. São Paulo, Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1976.
- ORRINGER, Nelson R. *Unamuno y los protestantes liberales (1912)*. Madrid: Editorial Gredos, 1985.
- UNAMUNO, Miguel de. *Del sentimiento trágico de la vida / La agonía del cristianismo*. Madrid: Akal, 1983.